

Colóquio/Artes, uma revista da Fundação Calouste Gulbenkian

Colóquio/Artes, a Journal from Fundação Calouste Gulbenkian

MARGARIDA BRITO ALVES*

RESUMEN

A revista Colóquio /Artes, dirigida por José-Augusto França, foi publicada entre 1971 e 1996 pela Fundação Calouste Gulbenkian. Tendo sido a única publicação inteiramente dedicada à divulgação da produção artística, que foi regularmente publicada em Portugal durante esse período, Colóquio / Artes formaliza-se como um registo da evolução artística nacional, mas também internacional, ao longo de 26 anos.

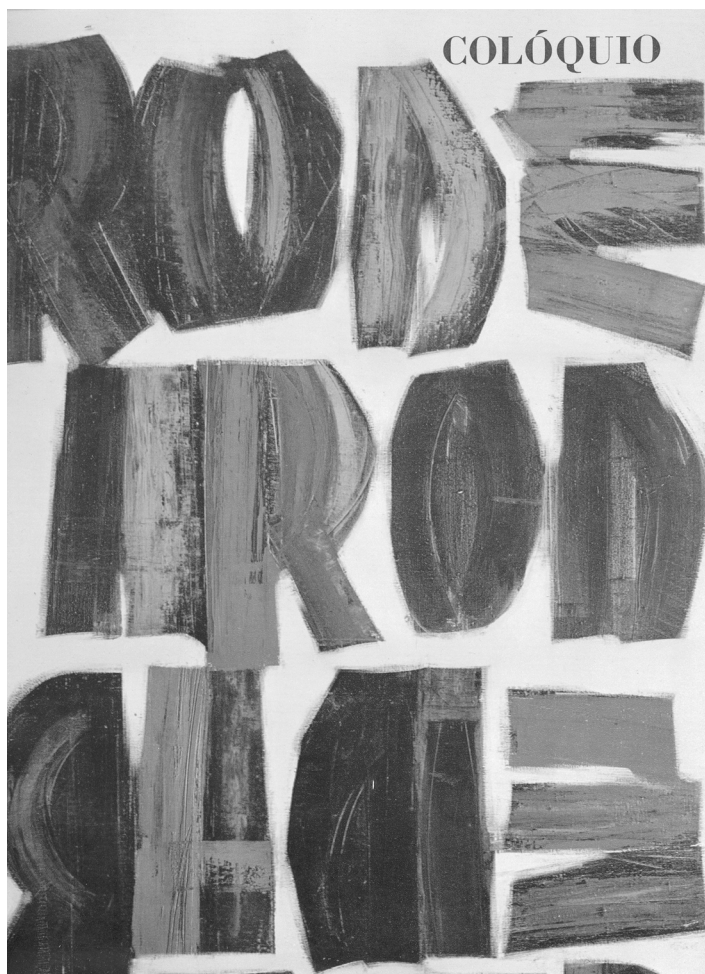
ABSTRACT

Colóquio / Artes was an art magazine, directed by José-Augusto França, which has been published between 1971 and 1996 by Fundação Calouste Gulbenkian. Having been the sole Portuguese publication, exclusively dedicated to Contemporary Art, that was regularly published during that period, Colóquio / Artes documents 26 years of the national and international artistic evolution.

Criada por José de Azeredo Perdigão, enquanto parte do conjunto de iniciativas próprias da acção inicial da Fundação Calouste Gulbenkian, entre 1959 e 1970 foi publicada *Colóquio / Artes e Letras*, uma revista dirigida por Reynaldo dos Santos e por Hernâni Cidade, que foi objectivada pela instituição que lhe deu origem como «*mais um poderoso instrumento para a realização dos seus fins culturais na sociedade portuguesa*»¹, e definida como uma possibilidade de congregação das mais diversas perspectivas.

* Licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Mestre em História da Arte Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, instituição onde actualmente prepara Doutoramento na mesma área. É investigadora na Unidade de Investigação IHA – Estudos de Arte Contemporânea.

¹ Ver «Primeiro Colóquio», in *Colóquio / Artes e Letras*, Lisboa, N. 1 (Jan. 1959), p.1.



*Colóquio / Artes N. 1 – (Fev. 1971). João Vieira. «Uma rosa é...» (pormenor), 1968.
Fundação Calouste Gulbenkian.*

Após a morte de Reynaldo dos Santos, e por iniciativa de José-Augusto França, que era director-adjunto da primeira revista desde 1963, em 1971, a revista *Colóquio / Artes e Letras* desdobrou-se em duas publicações que autonomizaram as suas vias de reflexão – *Colóquio / Artes* e *Colóquio / Letras*.

Analogamente à sua antecessora, as duas novas revistas constituíram-se como publicações de excepção, dadas as circunstâncias da sua edição. Com efeito, *Colóquio / Artes* e *Colóquio / Letras* puderam preencher uma lacuna no con-

texto artístico e literário português, uma vez que eram inteiramente suportadas por uma instituição com uma solidez financeira capaz de garantir a regularidade e a durabilidade da sua publicação – um facto inédito no panorama editorial da época, até aqui pontuado por diversas iniciativas irregulares e de curta duração.

Na continuidade do trabalho que vinha então a desenvolver, José-Augusto França foi convidado para dirigir a *Colóquio / Artes*, contando com o apoio de Carlos de Pontes Leça para as áreas de Música, Cinema, Dança e Teatro – que integraram então o âmbito mais alargado da revista –, enquanto a direcção da *Colóquio / Letras* ficou a cargo de Hernâni Cidade, com o apoio de Jacinto Prado Coelho.

Colóquio / Artes, publicada entre Fevereiro de 1971 e Outubro de 1996, formalizou-se num total de 111 números, e assumiu-se como uma presença de particular importância no contexto cultural português, dado que foi a única revista inteiramente dedicada à divulgação de produção artística que foi regularmente editada em Portugal ao longo desse período.

Com uma tiragem inicial de 3500 exemplares, dos quais cerca de 1000 eram distribuídos gratuitamente por museus, arquivos e universidades, e com um preço de capa de 35\$00, a *Colóquio / Artes* não incluía qualquer publicidade, uma opção que implicava um esforço financeiro, mas que ia ao encontro da ideia de um dever moral que reflectia os ideais da Fundação Calouste Gulbenkian. O necessário controlo dos custos da publicação veio, contudo, a reflectir-se na supressão de um dos cinco números inicialmente publicados por ano – a partir de 1978 passaram a ser publicados apenas quatro números anualmente.

Para além dos seus dois directores, a equipa de edição da *Colóquio / Artes* reuniu Fernando de Azevedo, como consultor artístico, António da Costa Isidoro, como editor, e ainda Maria Elisa Marques e Fernando Nunes, os sucessivos responsáveis pelas actividades de secretariado.

A orientação gráfica da revista foi confiada, sucessivamente, a Manuel Correia, a Luís Correia e a José A. Rosado Flores. A impressão era formalizada com apenas duas cores, sendo introduzidas pontuais imagens coloridas, e sendo distinguidas algumas secções com páginas de cor diferente, para facilitar a sua identificação. Apenas em 1995, com a publicação do N. 105 da revista, foi alterada a apresentação gráfica inicial, tendo sido proposto um «novo estilo», que se distinguiu pela constante ocupação da contra-capa, pela mudança do tipo de letra e por pequenas alterações gráficas – mas que pouco se distanciou do grafismo anterior, acabando por diferenciar ligeiramente apenas os números finais.

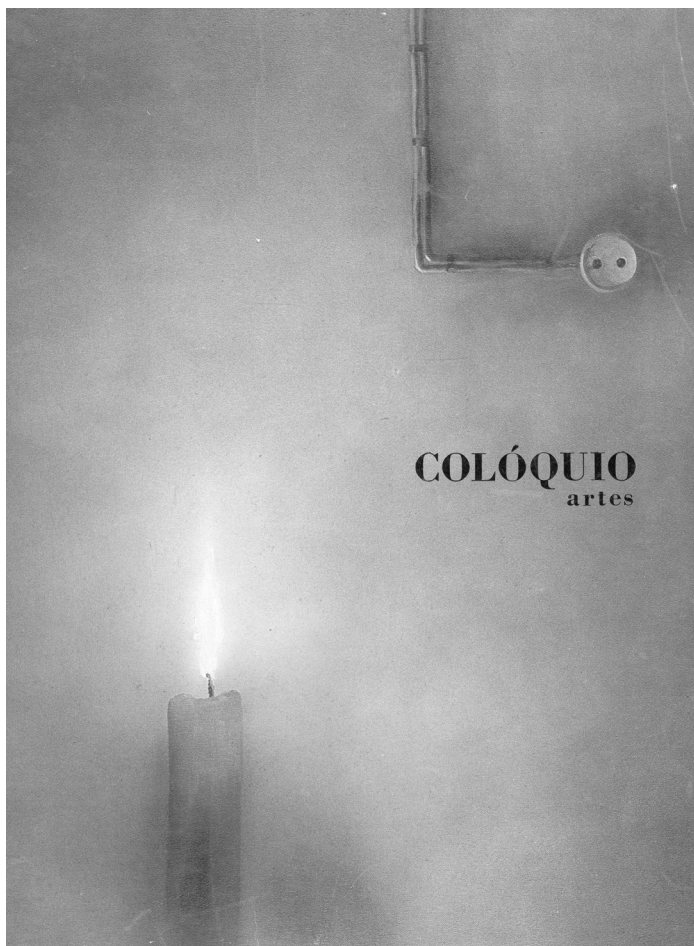
O grupo de colaboradores da revista, que incluiu mais de 400 autores, portugueses e estrangeiros, reflectiu uma aposta em diversificar os conteúdos da pu-



*Colóquio / Artes N. 5 – (Dez. 1971). Lourdes Castro. «Sombra bordada», 1971.
Fundação Calouste Gulbenkian.*

blicação, mas também em veicular diferentes perspectivas – sendo assinalável que em quase todos os números da *Colóquio / Artes* foram introduzidos novos colaboradores.

No plano nacional, trata-se de um conjunto de autores que, de certa forma, marcou sucessivamente as décadas que correspondem à edição da revista. Para além da colaboração transversal de José-Augusto França, destaca-se a participação regular de autores tais como Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves, Ernesto



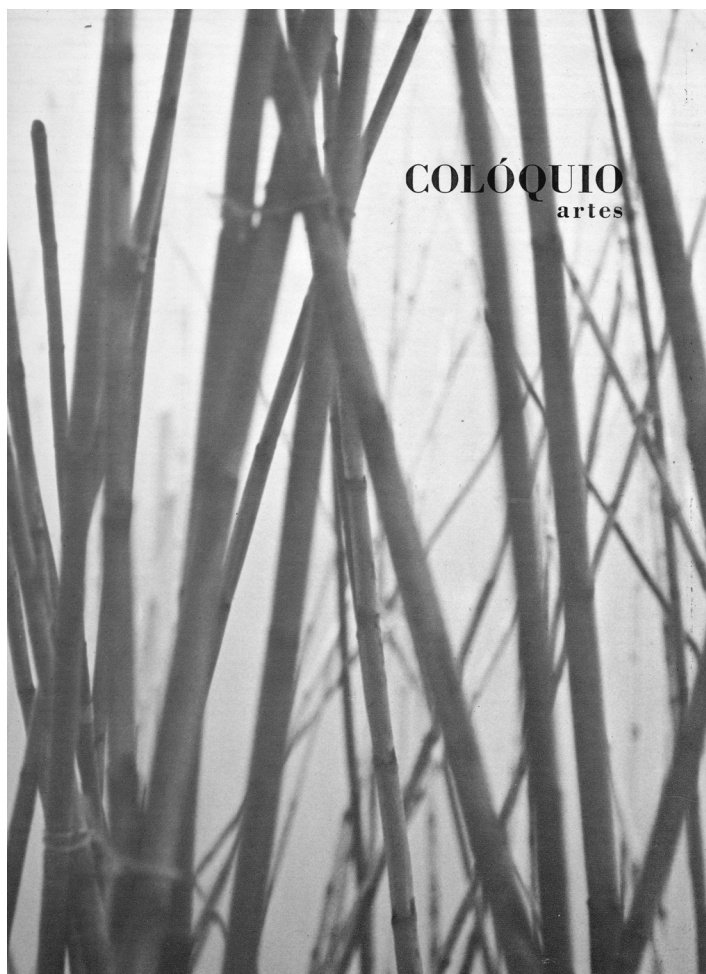
*Colóquio / Artes N. 8 – (Jul. 1972). Noronha da Costa. «Pintura», 1972.
Fundação Calouste Gulbenkian.*

de Sousa, José Luís Porfírio, Emídio Rosa Oliveira, Alfredo Margarido, Luís de Moura Sobral, ou Carlos M. Couto S. C., sobretudo ao longo da década de 70; Margarida Acciaioli, Bernardo Pinto de Almeida, António Rodrigues ou Carlos França, durante a década de 80; e ainda Cristina Azevedo Tavares, Lucília Verdelho da Costa, Carlos Vidal ou António Quadros Ferreira, já na década de 90.

Salienta-se ainda, nos domínios de Música, Cinema, Dança e Teatro, a participação continuada de Carlos de Pontes Leça, Maria Fernanda Cidrais, Manuel

Rio-Carvalho, Gil Miranda, João Pedro Garcia; Luís de Pina, João Bénard da Costa; José Sasportes e Carlos Wallenstein.

O plano internacional foi acompanhado por um muito diverso grupo de colaboradores estrangeiros, entre os quais se evidenciou um elevado número de autores franceses – podendo ser destacados nomes de reconhecido mérito, tais como Pierre Francastel, Marc Le Bot, Georges Boudaille, Michel Ragon, Yves Bottineau, Pierre Restany, Jean-Clarence Lambert, Jean-Jacques Lévêque, Jac-



Colóquio / Artes N. 16 – (Fev. 1974). Alberto Carneiro. «O Canavial», 1968-1973. Fundação Calouste Gulbenkian.

ques Le Goff, Gillo Dorfles, Jean-François Lyotard, Edgar Morin, Pierre Cabanne, Henri Langlois, Gassiot-Talabot, Marcel Van Jole, Damian Bayon, Antonio Bonet Correa, Aracy Amaral, Walter Zanini, Augusto de Campos, Roland Barthes, ou Jürgen Claus, entre tantos outros, e ainda, enquanto correspondentes da revista, Fernando Lemos, Mário Barata, Dore Ashton, Jonathan Benthall, Henry Galy-Carles, Simone Frigério, Roberto Pontual, Liliane Touraine, Chaké Matossian, Giorgio de Marchis, Giorgio dal Bo, Julián Gállego ou José Corredor-Matheos.

A *Colóquio / Artes* era difundida no estrangeiro, contribuindo para o conhecimento da realidade portuguesa noutros meios culturais e, paralelamente, informava sobre diversos acontecimentos e circuitos artísticos internacionais, traduzindo uma perspectiva alargada, que era reforçada pela publicação de textos em francês, inglês, espanhol ou italiano, e traduções ou resumos em língua francesa e inglesa – visando claramente o alargamento da revista a um público internacional.

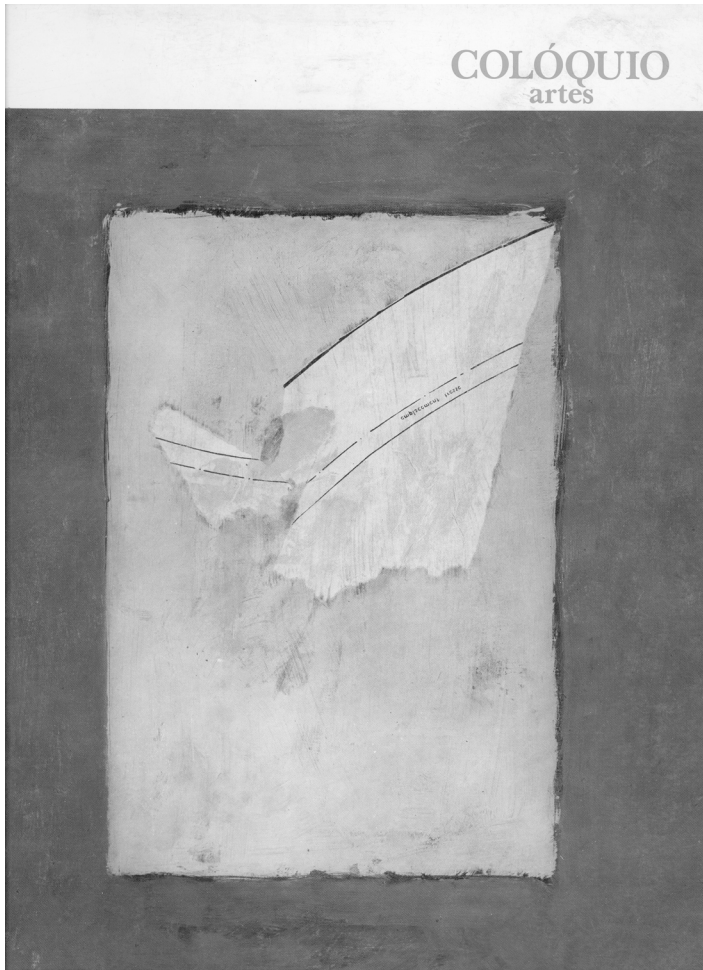
Procurando beneficiar da sua distribuição internacional, a organização da publicação tinha a estratégia de colocar, invariavelmente, a obra de um artista português na capa da revista – que era assim lançado dentro e fora de Portugal.

Foi neste enquadramento que foram divulgados muitos artistas com um percurso então já afirmado, como João Vieira, Lourdes Castro, René Bétholo, Costa Pinheiro, Paula Rego, João Cutileiro, Fernando Lanhas, Júlio Pomar, Nikias Skapinakis ou Joaquim Rodrigo, mas também muitos outros então em início de carreira, como Helena Almeida, Ana Vieira, Ana Hatherly, Clara Meneres, Ângelo de Sousa, Jorge Pinheiro, Alberto Carneiro ou Fernando Calhau.

A sequência de artistas seleccionados para as capas da revista teve particular significado, porque correspondeu também a uma interpretação da configuração do contexto artístico português ao longo das décadas de 70, 80 e 90. Torna-se assim importante notar que foi sobretudo ao longo da década de 70 que as capas revelaram um maior empenho na divulgação de pesquisas então mais experimentais, passando nas duas décadas seguintes a evidenciar uma leitura mais fragmentária e até algum desfasamento em relação a certas propostas que marcaram a sua actualidade, e divulgando sobretudo artistas que «*não estavam na moda*», tal como é actualmente sustentado por José-Augusto França.

A estrutura da *Colóquio / Artes* manteve-se semelhante à dos números finais da *Colóquio / Artes e Letras*, tendo sido publicados artigos de fundo coordenados com as capas, ao mesmo tempo que foram mantidas as diversas secções.

Neste sentido, continuaram a ser incluídas as «Cartas» – artigos assinados por colaboradores da revista a partir de determinadas cidades –, que informaram criticamente sobre os acontecimentos que caracterizaram diferentes contextos artísticos nacionais e internacionais, possibilitando um útil confronto.



*Colóquio / Artes N. 49 – (Jun. 1981). António Dacosta. «Pintura», 1980.
Fundação Calouste Gulbenkian.*

As «Cartas» divulgaram sobretudo exposições patentes nos mais variados museus e galerias, mas os seus temas também se orientaram para a informação sobre relevantes acontecimentos que pontuaram as diferentes temporadas, tais como as «Bienais» ou diversos Festivais de importância internacional. Foi dessa forma que foi possível acompanhar eventos como a Bienal de São Paulo, de Paris, ou de Veneza, mas também a *Documenta* de Kassel, a feira de arte *ARCO* de Madrid, ou o *Mois de la Photo*, em Paris.



*Colóquio / Artes N. 59 – (Dez. 1983). Jorge Martins. «Desenho», 1983.
Fundação Calouste Gulbenkian.*

Na *Colóquio / Artes* foi também dada sequência à publicação de uma secção bibliográfica dedicada à divulgação e análise de livros sobre estudos artísticos, que se constituiu como uma possibilidade de informação sobre uma grande parte dos títulos editados em Portugal, e diversos outros de edição estrangeira.

Uma secção de divulgação sobre as actividades da Fundação Calouste Gulbenkian, designada «Noticiário da Fundação Calouste Gulbenkian: Artes Plásticas, Música e Bailado», foi igualmente continuada, e foi ainda incluída, numa parte dos



*Colóquio / Artes N. 76 – (Mar. 1988). Helena Almeida. «Frisos», 1987.
Fundação Calouste Gulbenkian.*

números publicados ao longo das décadas de 70 e 80, a secção «Exposições na Fundação Calouste Gulbenkian».

Uma novidade introduzida na *Colóquio / Artes* foi a publicação de «Balanços» anuais, que analisaram o domínio das Artes Plásticas, mas que por vezes também se estenderam às áreas da Música, do Cinema, da Dança e do Teatro. A esses «Balanços», que se centraram na análise dos circuitos artísticos de Lisboa, Porto, Paris, Nova Iorque, Itália, Madrid e Londres, foram dedicados os números publicados em

Outubro – apenas até 1977, ano em que a publicação foi limitada a quatro números anuais, tendo sido então suprimido o número de «Balanços».

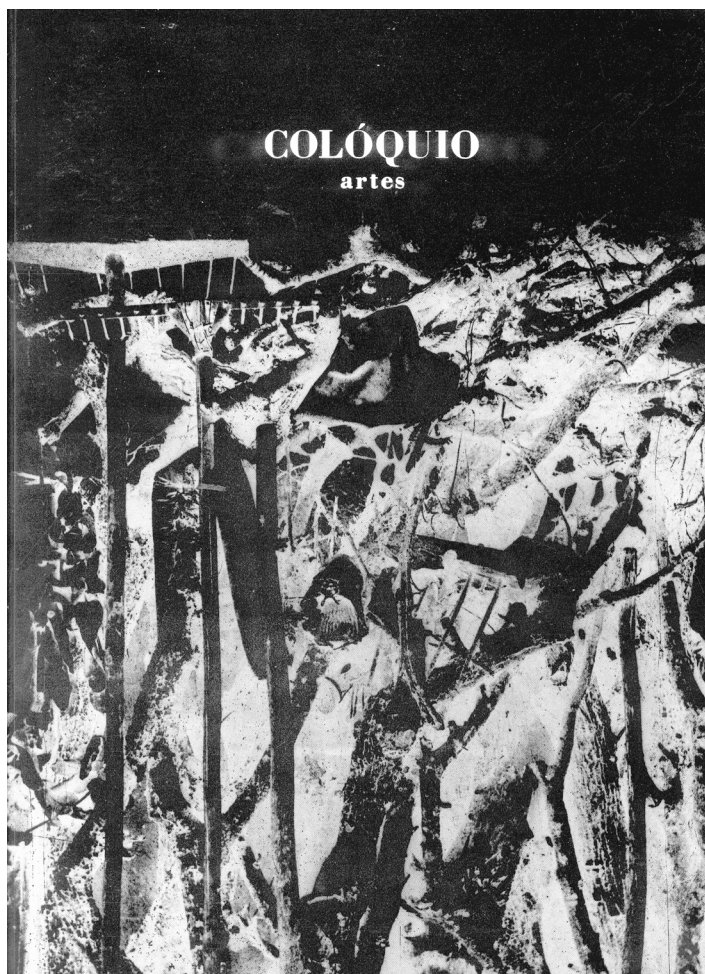
A lamentável supressão dos «Balanços» teve por consequência a ausência de informação regular sobre alguns dos contextos artísticos seleccionados, sobretudo o de Nova Iorque, que após 1978 foi muito pouco divulgado. O corte de informação sobre a dinâmica norte-americana, levou a que fosse dedicada uma reforçada atenção ao panorama europeu, e particularmente ao contexto francês. De resto, o circuito artístico francês foi sempre uma fortíssima referência na *Colóquio / Artes*, uma vez que o próprio director da revista tinha um percurso profissional relacionado com esse meio. Com efeito, para além de ter sido director do *Centro Cultural Português de Paris*, da *Fundação Calouste Gulbenkian*, entre 1983 e 1989, fora em Paris que José-Augusto França preparara um doutoramento em História na *École Pratique des Hautes Etudes* sob direcção de Pierre Francastel, desde 1959, e um doutoramento de *Estado na Universidade de Paris III*, sete anos mais tarde² – tendo tido assim a oportunidade de se integrar no contexto parisiense, com o qual manteve ligações profissionais, que lhe vieram a facilitar o contacto com um alargado número de autores franceses.

Contrastando com a revista a que deu sequência, que apesar de incluir alguma informação sobre Arte Moderna e Contemporânea, tendia invariavelmente a privilegiar temas de carácter histórico, a *Colóquio / Artes* foi sobretudo dedicada à divulgação e crítica de Arte Contemporânea, acompanhando o percurso de muitos artistas portugueses e estrangeiros, ao mesmo tempo que testemunhou e noticiou a emergência de diversas novas tendências – e podendo, neste sentido e num plano editorial, ser considerada uma primeira tentativa de articulação do contexto português com o contexto internacional.

A divulgação promovida na revista começou por ancorar-se sobretudo à produção artística que teve origem ainda em meados da década de 50, muito ligada às propostas derivadas da *Pop Art* e do *Nouveau Réalisme*, mas, gradualmente, passou a integrar artigos sobre explorações então mais actualizadas, como a Arte Conceptual, a Body Art, a Sky Art, a Copy Art, a Arte Povera, a Arte Sociológica, a Mail Art, a Infoarte, o Novo Expressionismo, ou o Vídeo.

Apesar de poderem ser apontadas algumas omissões sobre determinadas propostas artísticas, sobretudo as que se relacionaram de uma forma mais directa com o contexto norte-americano, importa no entanto notar que as principais tendências que marcaram internacionalmente o período em questão foram, com maior ou menor destaque, representadas na revista.

² Ver Margarida Acciaiuoli, «José-Augusto França – notas biográficas», in *Exposição da Doação de Arquivos e Documentos sobre Arte Contemporânea e Obras publicadas em volumes periódicos e catálogos por José-Augusto França*, Lisboa, F.C.G., 1992, p. 7.



*Colóquio / Artes N. 102 – (Jul. 1994). Fernando Lemos. «Fundo de quintal», 1950.
Fundação Calouste Gulbenkian.*

O *Modernismo* em Portugal foi tema de um significativo número de artigos publicados na *Colóquio / Artes* – tratando-se de textos que, de certo modo, funcionaram como actualizações, e que por vezes tiveram um carácter comemorativo, distinguindo ocasiões que serviram de pretexto à sua publicação, tal como exemplificam os sucessivos aniversários da exposição *Os Independentes*, de 1930, da *Exposição do Mundo Português*, de 1940, da exposição do *Grupo Surrealista*, de 1949, ou, nessa esteira, da exposição *Azevedo, Lemos e Vespeira*, realizada em 1952.

Estes artigos tiveram o mérito de informar sobre determinados eventos ocorridos num passado relativamente próximo, mas que, contudo, no tempo em que se realizaram, não tinham tido, em grande parte dos casos, a merecida visibilidade – tendo sido assim proposta uma interpretação actualizada que resgatou ao esquecimento diversos factos históricos.

O carácter celebrativo, característico da revista, levou a que fossem também homenageadas as mais diversas personalidades, nacionais e internacionais, que se destacaram culturalmente ao longo do século xx.

Paralelamente, foram divulgados numerosos acontecimentos simbólicos, que marcaram a actualidade em que se inscreveu a publicação da *Colóquio / Artes* – tais como a pintura do Mural de 10 de Junho, em 1974, uma pintura colectiva que celebrou a então recente Revolução do 25 de Abril; o Congresso da A.I.C.A. em Portugal, em 1976, um acontecimento que se revelara impossível de realizar em anos anteriores; a abertura do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1983; a *17ª Exposição do Conselho da Europa*, realizada em Lisboa, também em 1983, o *Ano Almada*, dedicado à celebração do centenário de nascimento de Almada Negreiros, em 1993; ou ainda muitos dos eventos realizados no quadro de *Lisboa '94 – Capital Europeia da Cultura*.

Colóquio / Artes integrou ainda diversos artigos de perfil historiográfico, centrados sobretudo em temas internacionais, mas que procuraram constituir-se como reflexões perspectivadas a partir da sua actualidade, e não como artigos de mera divulgação.

Relativamente à Música, ao Cinema, à Dança e ao Teatro, foram regularmente integrados artigos que informaram sobre estas áreas, num plano nacional e internacional, destacando-se, no contexto português, a informação sobre a acção da Fundação Calouste Gulbenkian – designadamente, sobre as *Jornadas de Música Antiga*, os *Encontros de Música Contemporânea*, os *Encontros Aarte*, ou a organização de vários ciclos de cinema.

Colóquio / Artes formalizou-se como um registo da evolução artística nacional, mas também internacional, ao longo de 26 anos, correspondendo assim a uma narrativa sobre um tempo marcado por diferentes alterações no contexto cultural, político e social, que, de certo modo, *formatou* a própria revista.

Se ao longo da década de 70, a revista funcionou como um reflexo relativamente claro da sua actualidade artística, as duas décadas seguintes foram marcadas por uma nova configuração que introduziu novas questões – e o que implicava também uma nova capacidade de interpretação.

De facto, enquanto a década de 70 foi definida por um limitado circuito artístico e marcada pela instabilidade provocada pela Revolução de 25 de Abril de 1974, a



*Colóquio / Artes N. 103 – (Out. 1994). Fernando Lanhas «Composição», 1979-94.
Fundação Calouste Gulbenkian.*

década de 80 correspondeu a um período de um maior equilíbrio político e desenvolvimento económico que possibilitou um crescimento do mercado da arte em Portugal, que teve por reflexos a abertura de novas galerias e até uma certa afirmação social dos artistas. A produção artística ganhou uma crescente visibilidade, tornando-se um objecto de mediatização – que não se circunscreveu apenas a um plano nacional, mas que possibilitou a integração de artistas portugueses em circuitos internacionais. Já a década de 90, apesar de ter coincidido com a abertura

de uma maior número de instituições dedicadas à divulgação de Arte Contemporânea, foi determinada por uma recessão económica, que re-equacionou toda a evolução conquistada ao longo da década de 80.

Numa posição não alinhada com as dinâmicas de mercado, através da *Colóquio / Artes*, José-Augusto França apostou em traçar uma cartografia sobre a produção artística que lhe era contemporânea, baseada numa intuição e num certo sentido de oportunidade, que acabou por resultar numa perspectiva heterogénea – mas que ia inteiramente ao encontro dos objectivos inicialmente definidos para a revista.

Assumidamente ecléctica, *Colóquio / Artes* deu continuidade ao programa que fora expresso logo no primeiro número da sua antecessora – esteve «*aberta a todos os pensamentos que reflectam os ideais e preocupações das várias gerações*» – nunca tendo sido, dentro desta determinação, uma revista sectária, ou seja, foi uma publicação «*sem preferências exclusivas, nocivas ao papel cultural da revista*», e «*alheia a modas, intrigas, cliques e grupos de pressão nacional e internacional*», tal como foi apontado pelo seu director na última *Colóquio / Artes* publicada.